

**OBJETOS DE MEMÓRIA DA FAMÍLIA BAPTISTA DA SILVA:
SOCIABILIDADE DE AFRODESCENDENTES NO PÓS-ABOLIÇÃO
PORTO-ALEGRENSE E A RELAÇÃO DE MEMÓRIA ENTRE SEUS
DESCENDENTES.**

Vitor da Silva Costa¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

e-mail: vcosta046@gmail.com

Os lugares de memória de acordo com Pierre Nora (1993), como arquivos, bibliotecas e museus guardam evidências do passado que contribuem também para visibilizar os sujeitos históricos. Porém muitas destas fontes históricas não dão conta de retratar a memória de grupos invisibilizados pela historiografia, ou que são retratados de maneira homogênea e generalizante como o caso das populações negras.

Neste aspecto por muitas vezes os mecanismos de pesquisa devem ser repensados e o olhar do pesquisador ampliado para perceber outras formas de recontar o passado. Ao analisar comunidades negras, os saberes orais e memorialísticos são fontes essenciais e que corroboram para entender estes grupos e conectá-los com contextos históricos. Mas além destas fontes orais, também deve se ressaltar a presença de fontes materiais históricas como objetos, documentos e fotografias que além de uma importância histórica, também possui um significado afetivo.

A importância da imagem nos estudos da população afro-brasileira é evidenciada com as produções do antropólogo e fotógrafo Pierre Fatumbi Verger. Em sua pesquisa etnográfica, Verger buscou através de suas lentes empregar um olhar solidário, apenas registrando as manifestações culturais presentes nos corpos negros. A fotografia de Verger contribui para visibilizar e demarcar a presença africana na produção das identidades afro-brasileiras.

¹ Mestrando Bolsa PROSUC/Capes.

A relevância de destacar esta visibilidade da identidade negra por meio da fotografia, ficou bem exposta no artigo *África, la pátria inventada? Discursos y formas de representación de identidades afroamericanas em imagens y textos: Brasil y Argentina* pelos autores Jens Baumgarten e Astrid Windus (2006, p. 90). Os autores buscam apresentar as particularidades na construção e representação da identidade afro-brasileira e afro-argentina elencando elementos culturais e contextos políticos e sociais de cada caso. Para isso, destacam que a metodologia utilizada será guiada por “una descripción de las formas de representación de identidade étnica afro-brasileña y afro-argentina em imagen (para o caso brasileiro) y texto (para o caso argentino”. O fato de não se utilizar imagens para analisar as representações culturais de afro-argentinóis já corrobora para invisibilizar as pessoas negras deste país. No caso brasileiro, o registro imagético já remete a presença negra como parte da nação.

A fotografia representa um acervo particular comum entre famílias negras, que compartilharam experiências coletivas de sociabilidade. Esta questão já foi em vem sendo apontada pela historiadora e fotógrafa Irene Santos (2005;2010) em seus trabalhos sobre a vida da população negra, onde autora destaca a presença negra em Porto Alegre, especificamente no bairro Colônia Africana, por meio de fotografias dos antigos moradores da região. Além de valorizar estes acervos particulares, a pesquisa também contribui para fortalecer os laços de uma identidade negra afro-gaúcha, demonstrando sua representatividade social, e abrindo um potencial de pesquisa para indivíduos e famílias silenciadas pela história cujas trajetórias merecem visibilidade.

Na mesma linha de Irene Santos, destaca-se a obra recente de Regina Célia Lima Xavier e Felipe Rodrigues Bohrer (2018) *Africanos, afrodescendentes: imagens de Porto Alegre*². Os autores apresentam imagens da população negra de Porto Alegre com o intuito de demonstrar a mobilidade e o espaço em que estes sujeitos ocupavam na sociedade, enfatizando as redes de sociabilidade que construíram. Contribuindo para complexificar o olhar sobre as trajetórias e caminhos percorridos por estes indivíduos. Com esta análise abre-se um caminho para pensar os sentidos da fotografia e inferir sobre as sensibilidades e subjetividades dos sujeitos.

² O e-book encontra-se disponível na página <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/>.

As fotos, para além de sua beleza, de suas composições, são uma poderosa ferramenta para que possamos aguçar nossa percepção e nos interrogar sobre essa história. Por não ser um recorte objetivo, congelado do passado, as fotografias devem também nos auxiliar a pensar sobre como os fotógrafos enquadraram o mundo no qual viveram, a especular sobre o que pensaram ou o que desejaram as pessoas que se deixaram fotografar [...] (BOHRER; XAVIER, 2018, p.16).

Neste sentido, estas outras percepções da cultura negra a partir de fontes iconográficas, que por sua vez ampliam as experiências negra corroboram para embasar as investigações realizadas por Maria Angélica Zubaran e Lisandra Machado (2014) ao analisar as representações do negro nas exposições do Museu Júlio de Castilhos. Zubaran e Machado buscaram apontar como estas representações do negro são retratadas por meio dos acervos museológicos e o que acabam evidenciando.

Investigar como o “outro” negro, afro-brasileiro, é produzido discursivamente nessa exposição, que significados são privilegiados e quais são silenciados na marcação da diferença étnico-racial. Na perspectiva dos Estudos Culturais apresentamos três estratégias de representação racializada sobre o negro que são recorrentes na exposição do MJC: a homogeneização do ‘outro’ negro, o destaque à violência escravista e o silenciamento sobre o protagonismo afro-brasileiro (MACHADO; ZUBARAN, 2014, p. 5).

Este último viés que se debruça sobre o protagonismo é o fio condutor deste ensaio, e busca-se aqui evidenciar o protagonismo negro de uma família no pós-abolição em Porto Alegre. O caminho percorrido pelo major João Baptista da Silva (1855-1937) e seus filhos, Felipe Baptista da Silva (1888-1923) e Baptista Junior (1891-1920), compreenderam diversos segmentos sociais das primeiras décadas do século XX e uma ampla rede de sociabilidade, que iam de médicos conceituados a advogados, políticos e comerciantes da capital gaúcha. Destaca-se o protagonismo da família nas seguintes esferas socioculturais: funcionalismo público, associações culturais e recreativas, irmandades religiosas, espaços educacionais, imprensa negra e no militarismo.

Através da memória presente e dos objetos que estão sob a guarda de um dos descendentes, senhor Claudio Batista de Souza³, o artigo busca destacar a importância dos

³ O senhor Claudio Batista de Souza tem 79 anos, é Defensor Público aposentado, filho de Joanna Maria de Lourdes Baptista de Souza e João Rodrigues de Souza, neto de Felipe Baptista da Silva e Ercília Baptista da Silva, e bisneto de João Baptista da Silva e Francisca Baptista da Silva.

acervos familiares e os efeitos que a fotografia e os objetos produzem nos indivíduos na contemporaneidade, contribuindo para fortalecer e ressignificar os laços identitários com o passado.

A família Baptista da Silva, além de deixar um legado de representatividade social nos em que circulavam na sociedade porto-alegrense, também foi preservado objetos e pertencentes que permitem evidenciar a trajetória percorrida. Além de salvaguardar os objetos da família, o senhor Cláudio também mante viva a memória de seus antepassados, dando sentido e importância ao seu acervo construção da identidade familiar.

Neste sentido ao analisar a trajetória da família Baptista da Silva por meio dos objetos e a produção de memória, não se trata apenas de elaborar uma “biografia material” como aponta Ana Carolina Maciel (2013), mas sim evidenciar a potencialidade que os documentos e objetos exercem e conectam a família entre passado e presente. Desta forma, a utilização de objetos de memória parece dar conta das significações e relações de pertencimento apontados pela pesquisa que vem sendo desenvolvida.

A historiadora Olivia Silvia Nery (2017), aponta para esta direção ao analisar os objetos da professora Lyuba Duprat, inicialmente a autora se deteve aos objetos que se encontram nas instituições de acervo e pesquisa, porém foram os objetos que estavam sobre a guarda de ex-alunos que apresentavam uma carga simbólica maior entre os entrevistados. A autora utiliza o conceito de “objetos de afeto” proposto por Véronique Dassié (2010) para entender quais relações e efeitos os objetos de Lyuba Duprat produziam nos ex-alunos. Segundo Nery, “eram objetos afetivos, conforme o conceito apresentado por Véronique Dassié, sob os quais existe um cuidado, um valor patrimonial atribuído, são âncoras memoriais que conectam memórias e identidades dos sujeitos e suas famílias (DASSIÉ, 2010, *apud*, NERY, 2017, p.146).

Essa conexão afetiva demonstra que os objetos transcendem o caráter material, e remetem a memórias e identidades. No caso dos objetos da família Baptista da Silva, as fotografias dos familiares desempenham este papel nas mãos do senhor Cláudio, cada toque sobre as imagens remete a lembranças e também inflexões daqueles que não conheceu, apenas ouviu sobre.

Essa relação de memória pode ser entendida a partir das constatações de Michael Pollak (1992), ao disserta sobre a identidade e memória social, o autor postula alguns pontos ligado a transmissão de memória:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer (POLLAK, 1992, p. 201).

O autor ainda destaca que somados a estes acontecimentos junta-se os elementos que não fazem parte do espaço-tempo deste indivíduo, mas que acabam fazendo parte de sua construção identitária por meio da formação de uma “memória herdada”.

No caso do sr. Claudio, percebe-se esta característica de memória herdada, visto que a identificação que ele demonstra com a trajetória do bisavô, reflete sentimentos e afetividades que não desenvolveu com seus antepassados. Estas informações foram transmitidas pela mãe Joanna Maria de Lourdes e pela tia-avó Maria Delphina, as únicas que realmente conviveram com João Baptista da Silva e os demais familiares.

Essa identificação com os seus antepassados acaba tornando-se base para a construção de sua identidade. E acaba ganhando mais força por meios dos objetos e fotografias que, ao mesmo tempo potencializam e acionam essa memória herdada, como corroboram para presentificar a identidade dos antepassados no ceio familiar.

Mas além das fotografias, um objeto que aponta as dimensões apresentadas por Nery, é o quadro do major João Baptista da Silva. A primeira vez que conversei com o senhor Claudio em sua casa e me deparei com o quadro de um João Baptista da Silva jovem pendurada na parede de sua sala, percebi a importância dos laços familiares naquele ambiente. E justamente foi a partir da observação do quadro que seu bisneto começou a falar sobre a trajetória do bisavô e de sua família.

Figura 1.



Quadro major João Baptista da Silva, 2017. Fonte: Foto do autor, 2017. Objeto pertencente ao Sr. Claudio Batista de Souza.

O historiador Rodrigo Godoi (2014) em sua tese de doutorado, mapeou a trajetória do editor e jornalista negro no período imperial Francisco de Paula Brito. Logo na introdução, o autor busca resgatar o sujeito por meio de um quadro de Paula Brito realizado pela Sociedade Petalógica em 1865 como uma homenagem póstuma. Godoi destaca que além de cumprir o papel de lugar de memória, o quadro de Paula Brito, possibilita traçar algumas inferências que contribuem humanizar o sujeito biografado.

E Paula Brito fazia boa figura ao ser imortalizado ostentando um semblante plácido, elegantemente vestindo uma sóbria casaca preta, camisa branca e gravata. Nesse sentido, ainda que possivelmente póstumo, o retrato diz muito. Se a cor da pele, não disfarçada pelo artista, torna-se signo manifesto das vivências escravas dos seus antepassados, os trajés não deixam dúvidas de que se tratava de um cidadão de ascendência africana bem situado na sociedade em que viveu (GODOI, 2014, p.1)

Percebe-se a semelhança das características apresentadas nos dois quadros, assim como Paula Brito, o major João Baptista da Silva também demonstrar ter sido um sujeito que viveu seu tempo como protagonista dos espaços em que circulava. A origem do quadro do major não é precisa, o senhor Claudio sabe apenas que era um dos objetos que já estava em posse da

família, porém, acredito que a natureza do quadro tenha sido semelhante à de Paula Brito, referindo-se também há uma homenagem. Como aponta a nota encontrada no jornal *A Federação*:

Em uma das vitrines da loja do cidadão Felipe Jeanselme da Silva está exposto o retrato a óleo do sr. João Baptista da Silva, mandado executar pela sociedade de Beneficência Porto-Alegrense, a quem esse nosso correligionário prestou importantes serviços quando exerceu o cargo de presidente da associação⁴.

Além do quadro, há outros objetos de afeto que também apresentam uma carga simbólica e de presentificação da identidade da família, como o oratório, as louçarias e pinturas e bordados, todos pertencentes da família e que permanecem a vista quando se adentra a casa do sr. Claudio. No livro *Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*, de autoria de Ana Lugão Rios e Hebe Mattos (2005), as autoras analisam os anos finais da escravidão na região do antigo Sudeste cafeeiro, utilizando-se de depoimentos de netos e bisneto de escravos e libertos. A pesquisa foi impulsionada já na década de 1980 com trabalhos sobre o papel da família escrava, e também pelo centenário da abolição em 1988.⁵

Em artigo que antecede a publicação do livro, Hebe Mattos (2005, p. 46) destaca o papel da memória coletiva que se evidenciou durante a coleta dos relatos, mas também aponta para as sensibilidades e percepções necessárias ao tratar da memória individual. Enfatiza que “trabalhar com relatos de memória individual, implica considerar as identidades socialmente relevantes do narrador, suas relações com o pesquisador que o ouve e interroga, quando ele existe, e com os diversos contextos de memórias coletivas em que se insere”.

Apesar de no caso da família Baptista as memórias do sr. Claudio não remetem ao período da escravidão, há apenas a identificação com este momento devido a condição de sua

⁴ *A Federação*, 21 de jan. 1893, p.2.

⁵ O projeto realizado pelo Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI), pode ser considerando o ponto inicial para se trabalhar a família escrava e liberta no Brasil. O projeto de pesquisa intitulado *Memórias da escravidão em famílias negras de São Paulo*, surgiu no ano de 1988 em virtude das comemorações do centenário da abolição, como o intuito de resgatar a memória da vida cativa e evidenciar a situação das famílias negras naquele período. Para isso, foi realizado um total de 114. O material coletado pelo laboratório propiciou que surgissem trabalhos relativos a escravidão e memória, em 2001 Ana Lugão defendeu sua tese de doutorado na Universidade de Minnesota intitulada *My mother was a slave, not me: Black peasantry and local politics in Southeast Brazil*, onde analisou por meio de genealogia e biografia, experiências familiares de descendentes de libertos nas regiões cafeeiras de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

trisavó Livia Baptista e seu bisavô João Baptista da Silva terem sido cativos⁶. Mas as memórias reproduzidas, pois trata-se de memórias que foram passadas por outros membros da família até chegarem ao sr. Claudio que vincula constantemente sua trajetória com as conquistas e caminhos de seus antepassados.

Assim como os objetos, percebo que o local onde a família habitava também contém laços afetivos para o sr. Claudio, justamente por ele ter lembranças da casa, que ficava na Rua General Canabarro nº 23, esquina com a Rua Riachuelo. Inicialmente a casa pertenceu a família Araujo⁷, que era a família senhorial da qual Livia e João eram escravizados. Com a morte de Antônio Álvaro de Araújo, em 17 de janeiro de 1896, a casa passa a ser da família Baptista da Silva. Em uma das entrevistas realizadas com o sr. Claudio, quando perguntado sobre a casa, apresentou o seguinte depoimento:

Eles moravam na casa onde hoje é o número 375 da Rua Gen. Canabarro que na época era o número 23. E a casa era isso aqui, igual esse estilo aqui (sua casa) lá dentro. Era uma casa bem colonial. Quando houve o cerco de Porto Alegre a casa também foi atingida pelo bombardeio e quando ela foi demolida encontraram as balas das canhoneiras Camocim e Marajó. Tem uma coisa bem interessante sobre essa casa da Canabarro, no fundo do terreno havia uma passagem dos escravos que ia até a Riachuelo. Os escravos passavam por lá para não circular pela casa.⁸

Esta fala do sr. Claudio reforça o pensamento de Mattos (2004) na relação de memória ligada a um determinado contexto e que de certa forma é ao mesmo tempo individual e coletivo

⁶ Thomaz, Pacífico e **Livia** - “No primeiro dia do mês de janeiro de 1849 anos nesta matriz de Nossa Senhora da Madre de Deus, batizou solenemente o reverendo coadjutor Francisco de Paula Macedo e pôs os santos óleos, a Thomaz, africano de 40 anos de idade, pouco mais ou menos, a Pacífico, também da África, com 14 anos de idade, mais ou menos, e a **Livia, Mina, que parecia ter quinze anos de idade, todos escravos de Antônio Álvaro de Araújo**, foi padrinho do primeiro, Antônio, escravo de José da Silva Flores, do segundo Anastácio, escravo de Dona Firmiana Maria de Oliveira; e **de Livia foram padrinhos Manoel, escravo de Elias Francisco de Araújo, e Venância, escrava de Álvaro José de Araújo**, E para constar, fiz este assento. O vigário Thomé Luiz de Souza”. AHCMPA - Livro 6 de batismos de escravos da Paróquia da Madre de Deus de Porto Alegre, folha 197v.

João - “Aos 27 dias do mês de janeiro de 1856 anos na Catedral deste Bispado batizou solenemente o reverendo coadjutor Francisco de Paula Macedo e pôs os santos óleos, a João, nascido a 29 de agosto do ano passado, **filho natural de Livia, Mina, escravos de Antônio Alves de Araújo**, foi protetora Nossa Senhora das Dores e padrinho José, escravo de Elias Francisco de Araújo. E para constar, fiz este assento. O vigário Thomé Luiz de Souza”. AHCMPA - Livro 7 de batismos de escravos da Paróquia da Madre de Deus de Porto Alegre, folha 71.

⁷ A casa pertencia a Delfina Rosa de Araujo, e Antonio Alvaro de Araujo, o casal, sem filhos, vivia em uso-fruto do bem deixado pelo pais de Delfina, Elias Franciso de Araujo e Claudina Rosa de Araujo. APERS - Comarca de Porto Alegre. Prestação de Contas do testamento de Delfina Rosa de Araujo, nº 3275, 1889.

⁸ Entrevista de Claudio Batista de Souza em 23 de nov, 2017. Porto Alegre

quando estes elementos de determinadas épocas ganham protagonismo na fala, como o caso da mobilidade dos escravizados na casa.

Sobre este aspecto exclusivo da casa, Silvia Nery (2017), entende a casa como um ambiente que possui uma amplitude maior para se pensar os sujeitos, colocando em questão a posição social que o local da casa pode inferir nas práticas sociais e culturais dos indivíduos. Para a autora, esta análise torna-se importante para contextualizar e inserir os sujeitos pesquisados como atuantes em seu tempo, e destaca que “ o espaço da casa é um universo individual, íntimo e familiar, que abarca toda a complexidade da relação entre público e privado. Faz com que o espaço doméstico seja carregado de complexidade e ao mesmo tempo seja uma extensão da vida, da cultura e da posição do indivíduo na sociedade”. (NERY, 2017, p.146).

Neste sentido, pensar a posição geográfica privilegiada da família com uma casa na região central da cidade remete a construir suas redes e trajetórias a partir do lugar.

Pensando no contexto local em que a família se encontrava, é possível pensar a localização da casa como um espaço social que proporcionava esta interação com diversos segmentos da sociedade porto-alegrense. Situavam-se próximo da Igreja da Dores, do Teatro São Pedro e Praça da Alfandega, pontos referenciais da cidade e que a família transitava com frequência. A partir da presença nestes espaços é que se configuravam suas redes de sociabilidade e afirmavam-se socialmente como uma família negra bem-conceituada.

Figura 2.



Casa da Rua General Canabarro. Fonte: http://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigasportoalegre/63?page_number_0=58.

Neste sentido, é importante destacar a territorialidade como um dos focos para pensar a mobilidade e condições que a família dispunha no meio social. O antropólogo Iosvaldyr Carvalho Bittencourt Jr (2005) define os territórios negros como espaços mantenedores de cultura, mas que também demarcam exclusão de determinados segmentos da população negra. Nas palavras do autor:

Compreendo “Território Negro Urbano”, aqui, como um espaço de construção de singularidades socioculturais de matriz afro-brasileira e que, ao mesmo tempo, é um objeto histórico de exclusão social, em razão da expropriação estrutural dos direitos sociais, civis e específicos fundamentais dos negros brasileiros (BITTENCOURT JR, 2005, p. 37).

No que diz respeito a família Baptista da Silva, este entendimento não reflete por completo a realidade que estes sujeitos viveram, para isso, é necessário ampliar o significado de território negro, para que assim se possa mensurar o papel desta família. Percebo que tanto os estudos de Ilka Boaventura Leite (1990), Deivison Campos (2006) e de Felipe Bohrer (2011), que complexificam e ampliam esse conceito de território negro em termos geográficos, de pertencimento cultural e formação de identidades, acabam contribuindo para identificar os caminhos percorridos por esta família.

A importância de se pensar o espaço está em evidenciar a mobilidade da família, no sentido apontado por Achille Mbembe (2018) o movimento é constituinte do espaço e do território, seria por meio da circularidade e agenciamento das pessoas e relações que o espaço ganha forma. Com isso, ao enfatizar a casa e os objetos, estes, por sua vez remetem aos sujeitos e suas redes, que constituem e são interpelados pelo território.

Esta discussão em torno da importância do espaço e o papel da casa na produção de memória, reflete o vínculo que o sr. Claudio possui com a história de seus antepassados. Seja por meio de lembranças da casa e de alguns objetos de tortura que pertenceram aos escravizados.

Um dos objetos que apresentam estas relações de memória não pertenceu a família ou fazia parte dos bens da casa. Trata-se de um quadro que retrata a fachada da antiga casa da

família, este quadro foi feito a pedido do sr. Claudio para registrar a lembrança de como era a frente da casa. Este objeto concentra toda a potencialidade de se explorar esta relação entre família, memória e presente, já que este quadro faz parte do ambiente familiar atual e fortalece este laço com o passado.

Com isso, pode-se pensar o quadro da casa, assim como os demais objetos e fotografias com uma carga de imaterialidade, remetendo a uma espécie de personalidade dos itens, o que para o antropólogo Marcel Mauss (2003) é visto como “alma”. Em sua obra *Sociologia e Antropologia*, ao tratar das trocas de objetos entre grupos indígenas da Polinésia, Mauss (2003, p. 200) destaca que “a própria coisa tem uma alma, é uma alma. De onde resulta que apresentar alguma coisa a alguém é apresentar algo de si”. Embora no caso de os objetos aqui estudados não apresentem esta origem por meio de trocas e presentes, os objetos também refletem parte do sr. Claudio, pois eles antecedem sua história ao demonstrar o passado da família. Estas são amarrações que compreendem também o aspecto cultural, religioso e social, que foram tônicas que sempre estiveram presentes na trajetória dos membros da família e que se evidencia nos seus descendentes.

Figura 3.



Quadro da antiga casa da família, 2017. Fonte: Foto do autor, 2017. Objeto pertencente ao Sr. Claudio Batista de Souza.

A historiadora Melina Perussatto (2017) ao trabalhar com os primeiros anos do jornal *O Exemplo* (1892-1930)⁹, periódico da imprensa negra porto-alegrense, em sua tese de doutorado

⁹ *O Exemplo*, era um periódico redigido por setores letrados da comunidade afrodescendente visando a defesa dos interesses de sua classe. Originado a partir das discussões realizadas no salão Calixto, a rua dos Andradas n. 247, jovens negros como por Arthur de Andrade, Arthur Gama, os irmãos Sergio de Bittencourt e Aurélio de Bittencourt Junior, Alfredo Candido de Souza,

analise o papel da imprensa nos aspectos educacionais e das demandas políticas que seus membros estavam envolvidos.

Mas sobretudo, apesar de haver uma grande produção de trabalhos sobre *O Exemplo*, Persussatto (2017, p.23) reforça em seu estudo a importância de analisar os sujeitos por trás do jornal, mapear suas trajetórias e os canais de sociabilidade que dispunham. “Nessa guinada, uma das diferenças em relação à pesquisa anterior consistiu na possibilidade de acessar o ponto de vista dos sujeitos para além dos registros contidos em fontes oficiais e de buscar seus nomes e sobrenomes próprios, e não de seus proprietários ou tutores”.

Neste sentido, busca-se cada vez mais dar voz a estes sujeitos históricos e humaniza-los por meio da análise de suas trajetórias. Um dos objetivos da autora consiste em permear a vida destes indivíduos por outros caminhos que não compreendem as fontes oficiais de registros, o que possibilita ao pesquisador empregar novos olhares aos pesquisados. Da mesma forma, a pesquisa aqui apresentada se direciona para estas outras formas de recontar o passado, entendendo a memória familiar como um elemento essencial para destacar as subjetividades dos sujeitos que também podem ser extraídas através de seus objetos afetivos.

Estes novos caminhos de pesquisa, incluem-se nas novas demandas da historiografia que se debruça sobre o pós-abolição. A partir de novos eixos temáticos, dos quais vem se destacando os estudos sobre imprensa negra, associativismo, irmandades e trajetórias, permitiram traçar novos direcionamentos sobre mobilidade, inserção e ascensão social dos negros. O que acaba direcionando os mesmos questionamentos para o período anterior a abolição.

Pode-se destacar como um termo aglutinador destas questões o protagonismo negro, que se apresenta nos mais variados contextos, agenciamentos e práticas de sociabilidade. A importância de considerar as fotografias dos afrodescendentes como fontes e indícios de suas trajetórias, problematiza a presença negra em sociedade e informa nos pequenos detalhes, fragmentos da vida dos sujeitos.

Theodoro Camillo Laurindo, Espiridião e Florêncio Calixto e Marcilio Freitas, buscavam dar visibilidade a questões pertinentes às disputas e demandas cotidianas, que acompanhavam seus recortes políticos, sociais e religiosos e raciais. *O Exemplo* teve o seu primeiro número publicado em Porto Alegre, em 11 de dezembro de 1892, funcionando até 1897. Voltou a circular em 5 de outubro de 1902, foi suspenso em janeiro de 1903 e retornou em 13 de maio de 1904, indo até 1905. Depois desse lapso de tempo, o jornal permaneceu na ativa de 1908 a 1910, renasceu nos anos de 1911 a 1914, quando sofreu a última interrupção, para voltar a circular em 2 de janeiro 1916, mantendo-se de forma contínua até 2 de janeiro de 1930 (SANTOS, 2011, p. 106).

Nesta concepção imagética do negro, a fotografia e os objetos, além de revelarem experiências, também contribuem para pensar a existência a partir do corpo e identidade. O corpo negro remete um lugar de excelência da memória, mantenedor de saberes e elementos de tradição evidenciados na dança (samba de roda, jongo) e na religiosidade, o corpo negro em movimento. A presença deste corpo em determinados espaços da sociedade sempre foi vista como desajustada ou que deveria ser contida. No combate a este estereótipo, Paul Gilroy (2001) destaca que um dos mecanismos importantes para a luta antirracista está centrado na corporeidade.

Deverá haver outros confrontos. O primeiro deles é com a representação de corpo humano como repositório fundamental da ordem da verdade racial. O segundo é, como já disse, com a ideia de cultura em si. O terceiro confronto, e o mais urgente deles, é com o padrão de desejos e ódios que Freud chamou de narcisismo das menores diferenças GILROY, 2001, p. 24).

Esta posição do corpo negro na linha de frente da luta contra o racismo, ganhou força ao longo dos anos, e hoje, é visto como a principal arma da militância jovem. A antropóloga Nilma Lino Gomes (2017), reforça esta visão ao destacar que além do papel do Movimento Negro Unificado, e de mais organizações, o papel da juventude negra com seus “saberes estético-corpóreos”, contribuem para promover impacto na sociedade com suas “imagens desestabilizadoras” nos espaços que ocupam. Estas imagens identitárias da qual se refere a autora, estão carregadas de simbolismo, ancestralidades e posicionamentos, refletindo no corpo um arsenal no combate ao racismo.

Ao analisar as imagens da família Baptista da Silva, e de outras famílias negras da sociedade porto-alegrense nas primeiras décadas do século XX, e identificar estes homens e mulheres negras bem trajados, seguros de si e de sua posição social. Dialogando com o pensamento de Nilma, pode-se inferir que estes indivíduos também foram identidades desestabilizadoras nos ambientes que circulavam, e principalmente por terem tido protagonismo nas atividades que realizavam.

Em termos de resultados parciais, este ensaio buscou apresentar parte dos objetivos proposta a serem explorados no decorrer da pesquisa. Há outros objetos e elementos que ficaram de fora desta análise como por exemplo, os cartões de namoro dos avós do sr. Claudio, Felipe Baptista da Silva e Ercília Baptista da Silva, os diálogos contidos nestes cartões,

revelam tanto da intimidade dos sujeitos, como nos permite realizar reflexões sobre a época em que estavam situados. São objetos deste potencial que se pretende realizar inflexões, um dos apontamentos que já se pode destacar é a variedade de fontes disponíveis neste acervo familiar, e os diferentes caminhos que apontam para a pesquisa.

Com isso, evidencia-se a importância destes objetos como conectores e produtores de uma memória familiar, demonstrando que apesar destes artefatos não estarem em museus ou espaços destinados para pesquisa e visitação, eles desempenham seu papel de lugares de memória. Carregando elementos históricos, afetivos e simbólicos que refletem aos sujeitos e o contexto em que se estes estavam inseridos, contribuindo assim para manter suas trajetórias e experiências. Colaborando desta forma para compor significados na vivência das futuras gerações da família Baptista da Silva.

FONTES,

Jornal *A Federação* (1884-1937)

Matéria sem autoria,

A Federação, 21 jan. 1893, p. 2.

Registro de Batismo Igreja Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre. 1846-1850. Lv. 6, fl. 198. Thomaz, Pacífico e Livia, 1856. AHCMP.

Registro de Batismo Igreja Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre. 1850-1864. Lv.7, fl.71. João. AHCMP.

REFERENCIAS

BAUMGARTEN, Jens; WINDUS, Astrid. África, la pátria inventada? Discursos y formas de representación de identidades afroamericanas em imagens y textos: Brasil y Argentina. In: WEHR, Ingrid (org). **Um continente em movimento: Migraciones em América Latina**. Madrid: Iberoamericana, 2006. p. 89-107.

BITTENCOURT JR, Iosvaldyr Carvalho. Territórios Negros. In: SANTOS, Irene (Org). **Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre**. Porto Alegre: Edição do Autor, 2005. p. 36-41.

BOHRER, Felipe Rodrigues. Breve considerações sobre os Territórios Negros Urbanos de Porto Alegre na pós-abolição. **Iluminuras: Porto Alegre**, v.12, n. 29. p. 121-52. jul/dez. 2011

BOHRER, Felipe Rodrigues; Xavier, Regina Célia Lima. **Africanos e afrodescendentes: imagens de Porto Alegre** [e-book]. São Leopoldo: Ed. Okos, 2018.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O grupo Palmares (1971-1978): um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico**. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GODOI, Rodrigo Camargo de. **Um editor no império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)**. 2014. 340 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017

LEITE, Ilka Boaventura. Territórios Negros em Área Rural e Urbana - Algumas Questões. In: FREIRE, Maria de Lourdes Bandeira D L; LEITE, Ilka Boaventura; GUSMÃO, Neusa Mendes de; MENDONÇA, Cleonice Pitangui. **Textos e Debates do NUER - Terras e Territórios de Negros no Brasil**. UFSC, 1991. p. 40-5.

MACHADO, Lisandra; ZUBARAN, Maria A. Representações e pedagogias culturais: o que se ensina sobre o negro nos museus do Rio Grande do Sul. **X APEND SUL**, Florianópolis, outubro, 2014.

MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim. Personagens, seus objetos, suas imagens. Arcabouço material como evidência biográfica. **História Social**, n. 24. 1º sem. 2013. p. 17-30.

MATTOS, Hebe. Memórias do cativo: narrativas e etnotexto. **História Oral**, v.8, n.1, jan/jun 2005. p. 43-60.

MATTOS, Hebe; RIOS, Ana M. Lugão. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MAUSS, Marcel. MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p.194-210.

MBEMBE, Achille. África é a última fronteira do capitalismo. **Público**: 09 dez. 2018. Entrevista concedida a António Guerrero, disponível em: <https://www.publico.pt/2018/12/09/mundo/entrevista/africa-ultima-fronteira-capitalismo-1853532>. Acesso em: 12 dez.2018

NERY, Olivia Silvia. Objeto, memória e afeto: uma reflexão. **Revista Memória em rede**. Pelotas, v.10, n.17, jul/dez. 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Revista Projeto História**, v. 10, São Paulo: PUC-SP –Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993.

PERUSSATTO, Melina K. **Arautos da liberdade: educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (c.1892 - c. 1911)**. 2018. 344 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p. 200-12.

SANTOS, Irene (org). **Negro em preto e branco: História fotográfica da população negra de população**. Do autor: Porto Alegre, 2005.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

SANTOS, Irene; SILVA, Cidinha da; FIALHO, Dorvalina E. P.; BARCELLOS, Vera Daisy; BETTIOL, Zoravia (orgs). **Colonos e Quilombolas:** Memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre. Porto Alegre: [s/n], 2010.

SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da História:** Trajetórias Intelectuais na Imprensa Negra Meridional. 2011. 281 f. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

SOUZA, Claudio Batista de. **Depoimento.** Entrevista concedida à Vitor da Silva Costa. Porto Alegre/RS. 23 de novembro de 2017.